



Figura 1. Manoel Quitério: *A rua que virou praça*, 2020. Praça Nossa Senhora de Fátima, Recife, Pernambuco. Fonte do artista.



ENTRE O VAZIO E A DESCONTINUIDADE: A RUA COMO ESPAÇO DE ABERTURA EM MANOEL QUITÉRIO

Rafaela Travassos Sarinho

Resumo: Este trabalho toma a rua como pano de fundo para pensar sobre os constantes processos de significação. A partir de uma conexão entre as noções de vazio e descontinuidade, pensadas respectivamente por Lacan e Foucault, aponta para a falta de um fundamento anterior às palavras e coisas, tomando-as como descontinuidades constituídas *sem a priori*. Assim, na observação de trabalhos do artista Manoel Quitério, a rua se transforma em um espaço de torção onde outros sentidos podem ser adicionados.

Palavras-chave: Vazio. Descontinuidade. Rua. Torção. Manoel Quitério.

BETWEEN EMPTINESS AND DISCONTINUITY: THE STREET AS A SPACE OF OPENNESS IN MANOEL QUITÉRIO

Abstract: This work takes the street as a backdrop for thinking about the constant processes of signification. Based on a connection between the notions of emptiness and discontinuity, thought of respectively by Lacan and Foucault, it points to the lack of a foundation prior to words and things, taking them as discontinuities constituted without a *prioris*. Thus, when observing works by the artist Manoel Quitério, the street becomes a space of twisting where other meanings can be added.

Keywords: Lack. Discontinuity. Street. Torsion. Manoel Quitério.



INTRODUÇÃO

Neste trabalho, tomaremos a *rua* como pano de fundo, abrindo espaço para manifestações que subvertem os seus sentidos comuns, como aqueles oferecidos pelo dicionário online *Dicio* (2023): "(1) Via pública urbana, repleta de casas, prédios, muros ou jardins; (2) Espaço nessa via por meio do qual os carros podem transitar". Em oposição a esses sentidos sedimentados, destacaremos sua dimensão produtiva, entendendo-a como uma tela, superfície de pintura, local de encontro, onde sentidos podem ser engendrados. Na observação de trabalhos do artista pernambucano Manoel Quitério, que pinta as ruas da cidade do Recife a partir da chamada *A rua que virou praça*, vemos a possibilidade de sentidos irromperem, promovendo uma torção destes espaços: "Pintamos a [rua] Nossa Senhora de Fátima com as cores da espiritualidade ancestral e das raízes africanas e indígenas. Mostramos que caminho é aquele que vai, mas volta também" (Quitério, 2020), afirma o artista ao expor em suas redes sociais o resultado de uma de suas pinturas nas ruas do bairro do Rosarinho, zona norte da cidade.

Desenharemos a argumentação a partir dos conceitos de vazio e de descontinuidade, pensados respectivamente por Lacan e Foucault, na medida em que tais conceitos sugerem a falta de um fundamento anterior às palavras e as coisas. Desse modo, se não há fundamento que sustente a rua, quais sentidos podem ser a ela associados? Os conceitos cunhados por esses autores podem oferecer algumas chaves de leitura para essa questão, uma vez que apontam para a falta como uma mola propulsora.

Ao implicar os sujeitos na linguagem, Lacan observa as possibilidades abertas de articulação simbólica delineadas em torno do eu (o sujeito pensando a si mesmo) e das coisas (o sujeito significando o mundo). Já Foucault, em sua fase arqueológica, observa como o exercício da linguagem define provisórios enunciados com pretensão de verdade em diferentes espaços epistêmicos. O sujeito, no Foucault (2007, p. XVII) da fase arqueológica, aparece então como um efeito dos processos engendrados nesses "locais de pensamento" – ou *epistemes* –, que entre dinâmicas dão coerência a certos conceitos, constituem ordens e



maneiras singulares de conceber as palavras e as coisas. Desse modo, tomar a rua a partir do vazio e da descontinuidade, significa atentar para o seu constante processo de significação: nas mãos de Quitério (2020), a rua se transforma em um espaço onde “[...] a cor ganhou do concreto, a buzina deu lugar pra risada das crianças [...]”.

Não são raros os trabalhos que apontam uma relação entre os pensamentos de Lacan e Foucault, atentando principalmente para suas críticas às ciências humanas, que atuam fundamentado e definindo a *verdade* dos sujeitos. Indicamos que este trabalho se filia a esses estudos, na medida em que percebe que as noções de vazio e de descontinuidade apontam para o descentramento: ao tomar as formações discursivas como temporárias – ambos se interessam principalmente pelas formações discursivas modernas –, o que esses autores fazem é dar às costas para as concepções universalizantes, calcadas na razão e nos métodos científicos. Ao tomar os objetos de interesse sem um *a priori*, eles destacam suas dimensões contingentes.

[...] nós descobríamos que a filosofia e as ciências humanas viam sobre uma concepção muito tradicional do sujeito humano, e que não bastava dizer, ora com uns, que o sujeito era radicalmente livre e, ora com outros, que ele era determinado por condições sociais. Nós descobríamos que era preciso libertar tudo o que se esconde por trás do uso aparentemente simples do pronome “eu” (*je*). O sujeito: uma coisa complexa, frágil, de que é tão difícil falar, e sem a qual não podemos falar (Foucault, 2012, p. 329-330).

Da imersão nos conceitos pensados por Lacan e Foucault – algo que daremos seguimento no próximo tópico, intitulado *Entre o vazio e a descontinuidade* –, buscamos explorar, no terceiro tópico deste trabalho, a partir de um olhar sobre o trabalho do artista Manoel Quitério, outros sentidos para a rua. Se, como afirma Lacan, o significante não tem sentido em si mesmo, a rua deixa a ser entendida como um espaço onde apenas regras de passagem e leis de velocidade confluem, passando a ser tomada como um traçado, uma superfície aberta para novos preenchimentos. As noções de *torção da voz* em Lacan (1977) e de *torção*



na arte em Costa (2021), aparecem neste momento do trabalho para justificar os seus sentidos ampliados: nos utilizaremos desses termos para pensar a possibilidade de combinação de diversos componentes neste espaço, arriscando aproximações pela via de cadeias associativas na linguagem. Essa chave de leitura permite que as coisas não se engessem nas proclamações epistêmicas autorizadas de um determinado tempo, atentando para os atos contínuos de significação em coadunação com operações produtivas que atuam deslocando os sentidos comuns das coisas.

ENTRE O VAZIO E A DESCONTINUIDADE

A psicanálise freudiana postula uma busca incessante dos sujeitos por um objeto perdido que, estritamente, não existe, não havendo, conseqüentemente, qualquer possibilidade de tomá-lo. Da concepção freudiana, Lacan (1991) observa que se o objeto se encontra perdido, trata-se dos sujeitos organizarem diversas tentativas de remontá-lo, visando tocar a sua superfície a fim de sentir, mesmo que de maneira diminuta, sua suposta textura, forma, coerência: "a única maneira de saber o que foi perdido é por meio desses reencontros, desses reachados" (Lacan, 1991, p. 145). Esse ciclo, para Lacan, revela o caráter persistentemente do objeto faltoso, se transformando em uma espécie de motor, engrenagem, que condena os sujeitos a realizarem buscas incessantes, na tentativa nunca realizada de restitui-lo.

No *Seminário 7 – Ética da Psicanálise*, Lacan (1991) se aproxima mais densamente do conceito freudiano de *das Ding*, atentando para as manifestações humanas na arte, na religião e no discurso da ciência, tomando-as como três formas do sujeito bordejar um vazio fundamental. Assim, em Lacan, a arte, a religião e a ciência aparecem como formas, espaços possíveis de representação, onde os sujeitos procuram restituir o objeto perdido, negando o vazio que lhe é inerente. O termo espaço possível de representação é também usado por Foucault em *As Palavras e as Coisas* (2007), para elaborar sobre as epistemes que dizem respeito aos diferentes modos dos sujeitos constituírem e tomarem palavras e coisas. No livro, o autor faz um esforço arqueológico de definição dessas



epistemes: a da *Semelhança*, a da *Representação* (ou *Clássica*) e a *Moderna*, pensando-as a partir de diferenças e particularidades. Longe de se constituírem como fundamentos, estruturas fixas, Foucault as toma como *descontinuidades* que forjam sentidos: via coerências internas e conjuntos de saberes – políticos, jurídicos, religiosos, médicos, científicos etc. –, essas epistemes resguardam especificidades, engendrando (falsos) fundamentos aos sujeitos.

Em uma leitura lacaniana, é possível estabelecer uma relação entre as epistemes pensadas por Foucault e o objeto perdido freudiano, interpretando as dinâmicas engendradas nesses espaços como diferentes formas de se bordejar o vazio fundamental. Lacan nos diz que é pela linguagem que esse processo ocorre: na busca iminente pelo preenchimento da falta, a linguagem faz irromper significantes, simboliza o que aparece, produz sentidos. É também através de sua articulação que o sujeito se constitui, subjetivando-se, articulando, via associação de significantes, aquilo que pensa ser, também o que deseja, sente, aspira. Assim, bordejar o vazio significa articular a linguagem, forjá-la, engendrando em diferentes espaços de tempo – *epistemes* –, modos de tomar as coisas em sua verdade e de significar o mundo.

Ao pensar sobre os diferentes modos de articulação, Foucault, em *A ordem do discurso* (1996), estabelece uma arqueologia do que denomina de *discurso do verdadeiro*, retomando a trajetória dos enunciados com pretensão à verdade desde o século VI – quando o discurso válido era emitido por alguém que profetizava o futuro¹ – até o século XIX, quando os enunciados científicos passam a ditar o que é verdadeiro, a partir dos atos fundadores da ciência moderna. Para o autor, é por volta do século XVII e XVIII que nos deslocamos das configurações do saber da semelhança: a partir de então, o saber se pauta em planos observáveis, mensuráveis, categorizáveis, classificáveis. Trata-se, nos termos de *As palavras e as coisas*, de uma ruptura que leva à passagem da episteme pré-clássica a clássica e, posteriormente, à moderna – a



episteme da semelhança articulando o mundo via similitude; a episteme clássica, via representação; e a episteme moderna, a partir das noções de vida, de trabalho e discursos da ciência. Assim, o que Foucault apresenta são formas de engendrar a linguagem, recaindo em diferentes *regimes de verdade*, que implicam naquilo “que constrange os indivíduos a um certo número de atos de verdade” (Foucault, 2010, p. 67).

Interessados mais especificamente na episteme moderna, Lacan (1998) e Foucault (2007) atentam igualmente para a constituição das Ciências Humanas. Para Lacan, ao se concentrar no Homem, a linguagem articulada pela ciência – o discurso científico – produz um (falso) fundamento, engendrando efeitos de verdade. Esses efeitos se traduzem em certas regras, jogos e modalidades que reverberam em modos dos sujeitos desenvolverem relações consigo, recaindo em formas de subjetivação. Em *A ciência e a verdade*, Lacan (1998) observa como a ciência moderna irá concentrar-se em pensar o sujeito, tomando-o ao mesmo tempo, como centro e objeto da discursividade: “[C]om o declínio das crenças religiosas e da força da tradição [...], ante o desamparo constituinte de sua condição, ocorre a massificação da concepção de indivíduo que irá ser o centro de todo pensamento moderno” (Sgarioni; D’Agord, 2013, p. 5). Para Foucault (2007), o modo de ser do homem se torna a base de todas as positivities na modernidade: é dessa maneira que os saberes modernos desenharão questionamentos em torno desse sujeito “[...] que vive, que fala e trabalha segundo as leis de uma economia, da filologia e de uma biologia [...] todos esses temas, para nós familiares e ligados à existência das ‘ciências humanas’, são excluídos pelo pensamento clássico” (Foucault, 2007, p. 427-428).

[...] se essas referências podem bem explicar por que é que foi realmente em tal circunstância determinada e para responder a tal questão precisa que essas ciências se articularam, sua possibilidade intrínseca, o fato nu de que, pela primeira vez, desde que existem seres humanos e que vivem em sociedade, o homem, isolado ou em grupo, se tenha tornado objeto de ciência – isso não pode ser considerado nem tratado como um fenômeno de opinião: é um acontecimento na ordem do saber (Foucault, 2007, p. 476-477).



Retornando à razão cartesiana, Lacan percebe essa transformação, indicando ser Descartes – a partir do *Cogito*, “penso, logo sou” –, quem inaugura “a função de nomeação do sujeito no mundo moderno, [...] que visa o suturamento da falta” (Sanada, 2004, p. 183). Do homem como centro, trata-se então de observar não apenas como a ciência irá constituir um conjunto de significantes em seu entorno, mas de verificar como os sentidos vão sendo produzidos, transformando-se em universalizações que reverberam em modos e técnicas de condução dos sujeitos modernos e dos objetos do conhecimento: “[O] que a ciência impõe a todos é a universalização [...] propondo suturar o sujeito” (Alvarez *apud* Sanada, 2004, p. 185). Nesse caminho, Lacan parte para uma forte crítica às psicologias modernas de cunho cognitivas, que, no aporte de saberes e técnicas, procuram produzir um modelo de sujeito, a partir de uma subjetividade *preenchida*, entendida como apropriada, correta, saudável: “trata-se, nesta vertente, de um sujeito sem falta [...]. Não há nessa dinâmica nada que marque ao sujeito a impossibilidade de acesso a um gozo capaz de responder ao que se coloca como falta-a-ser” (Sanada, 2004, p. 186). Esse processo recai em subjetividades baseadas em modelos de estabilidade pautados no *universal*, categoria moderna atrelada ao bem, ao verdadeiro, ao correto².

Nos termos de Lacan, a problemática reside também em pensar como esse *modelo de verdade* irá produzir o sujeito moderno não somente a partir dessas categorias universais tomadas como relevantes, mas na exclusão de saberes outros, como por exemplo, o saber do inconsciente, tema caro ao autor: “quando uma letra pode ser isolada em uma equação, [...] funda-se um método universal que passa a homogeneizar todos os saberes, passando estes a serem índices de uma verdade científica” (Sgarioni; D’Agord, 2013, p. 7). Desse modo, retirando toda e qualquer ancoragem, o que tanto Lacan quanto Foucault procuram enfatizar são os *regimes de verdade* que circulam em um determinado

2 Para mais sobre essa discussão das categorias do bem e verdade atreladas às psicologias cognitivas, cf. Birman (1997)..



recorte histórico, que dizem respeito aos “[...] tipos de discurso que [uma sociedade] abriga e faz com que funcionem como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos [...]” (Foucault, 2011, p. 217).

É Foucault (2019) quem nos oferece exemplos interessantes desses modos de articulação da linguagem, que desembocam em efeitos de *naturalização* dos sujeitos e dos objetos do conhecimento. Ao tomar a loucura como objeto de pesquisa, o autor explicita as *descontinuidades* que circulam em torno desta temática, exemplificando certos enunciados tomados como verdadeiros em diferentes espaços históricos. Em seu livro intitulado *História da loucura na Idade Clássica* (2019), o autor realiza uma observação das coordenadas históricas que envolvem a sua enunciação. Seu percurso arqueológico consiste em esmiuçar as diferentes formas de percebê-la, analisando como se chegou à classificação da loucura enquanto doença mental, sentido tido como universal na modernidade. Sua escavação, nesse sentido, aparece como um modo de observar o lento processo de transformação da loucura em objeto do saber psiquiátrico, recaindo sobre as diversas condições (filosóficas, técnicas, sociais, econômicas etc.) de sua aparição. Isso consiste em perceber que a loucura não foi revelada em sua verdade essencial na modernidade, como a irrupção da Psiquiatria, mas sim produzida, emergindo de uma “internalização de dispositivos [...], explicitando um novo regime de articulações” (Safatle, 2019, p. XI).

Esse breve retorno à loucura em Foucault escancara as formas de *articulação simbólica* (Beccari, 2016) desse objeto. Dessa leitura, insistimos que (re)posicionar os objetos a partir das lentes do vazio e da descontinuidade, significa atentar para a falta de um fundamento anterior que os sustentem, observando como os seus sentidos são forjados. Essas noções oferecem a base para o que iremos tomar no tópico a seguir: a rua. Um olhar sobre ela, servirá de ilustração das possibilidades de bordejamento do vazio por vias produtivas como o da arte, que nos termos de Lacan (1977) pode propiciar uma *torção da voz*, a possibilidade de intervir sobre os sentidos universais de uma palavra para extrair outra coisa que não almeje tomar o seu lugar. Esse movimento permite que



o sujeito a flexione ativamente, dobrando-a, curvando-a, arqueando-a, engendrando continuamente a irrupção de significações que não visam uma substituição.

Trata-se então de uma operação em que “a voz [...] funciona como uma transgressão diante do sentido ‘harmônico’ das palavras” (Maliska, 2021, p. 53). Lacan (1977), ao elaborar sobre as torções produzidas na experiência clínica, atentando para a produção de contornos vivenciados entre analista e analisando, abre espaço para que se pense também o lugar do artista ao tomar um determinado objeto – ou mesmo um espaço, território –, fazendo ressoar outras vozes (sentidos) em sua intervenção. “Nesse contexto, a voz não decorre unicamente do registro sonoro, ela pode, também, estar no gesto, na escrita, na imagem [...]” (Carpes, 2018, p. 82). Pensamos então que a rua tomada pelo artista Manoel Quitério se constitui como um espaço de torção, local em que o artista se encontra às voltas com a sua condição de ser falante, irrompendo por sua voz sentidos em sua pintura, fissurando os habitualmente associados à rua.

TORCER AS COISAS: A RUA COMO ESPAÇO DE ABERTURA

Ouvir a rua, observar o seu entorno, atentar para o que a sua sinalização comunica: sinais, semáforos, faixas de pedestre, os sentidos dos carros que passam, local de tráfego, via, caminho, acesso. Também bloqueio, trânsito, atalho e congestionamento. Quais sentidos podem ser associados à sua palavra? Partindo da discussão anteriormente proposta – qual seja, a da falta de um fundamento –, indicamos aqui que são muitas as possibilidades de tomá-la, na medida em que seu espaço é aqui interpretado como aberto. Nessa chave de leitura, a rua se transforma em tela, superfície de encontro, local de aproximação onde sentidos podem ser engendrados. Pensamos que a sua superfície equivale à mesa de dissecação concebida por Lautréamont, em *Os cantos de Maldoror* (2015): assim como a máquina de costura e o guarda-chuva podem se encontrar sobre a mesa de dissecação, duas categorias ou coisas também podem ser avizinhas sobre outras superfícies, sem que uma rede causal ou um sistema *a priori* as justifiquem.



Nesse sentido, ela se transforma em um espaço produtivo, local em que podem ser engendradas torções na linguagem, território onde é possível dobrar os seus sentidos comuns, na relação estabelecida com o sujeito que desenha tal ação. Como atesta Costa (2021), a torção diz respeito a um processo polissêmico que pela via do discurso, rompe com as significações sedimentadas: trata-se de um processo de desautomatização e desestabilização que permite “[...] enxergar de outro modo aquilo que pode ter sido naturalizado, de *estranhar*, enfim, o que se apresenta como ordinário” (Costa, 2021, p. 7). Nesses termos, torcer, na experiência artística, significa irromper estranhamentos, constituindo imagens de arte que operam um deslocamento da linguagem ordinária³, subvertendo sua ordem, tempo e espaço. Nesses termos, “a arte não estaria, assim, a serviço da criação de uma imagem nova [...], seria um meio de experimentar o devir do objeto, figurando, nesse processo, o ato de percepção com um fim em si mesmo [...]” (Costa, 2021, p. 8). Costa (2021) vai associar esse processo de torção ao que chama de *acontecimento discursivo*, que se dá no ato de romper com os saberes engendrados naquele solo em que as palavras se fazem presentes: pode-se pensar esse ato como uma fissura, que diz respeito a uma “alteração da cadeia parafrástica de repetição, em que ocorre a explicitação da desautomatização” (Costa, 2021, p. 9).

Lacan (1999), ao pensar a experiência clínica, vai atentar para o momento em que o analista fratura o discurso do analisando, realizando uma intervenção na voz, que “consiste em servir-se de uma palavra para outro uso que não aquele para o qual ela é feita; dobramo-la um pouco, e é nessa dobradura que reside seu efeito operatório” (Lacan, 1999, p. 1). Trata-se de uma operação – um ato de violência, *forçage* – que rompe com a ordem de uma cadeia associativa, forjando outras possibilidades para as palavras, para o fluxo associativo: “A intervenção analítica, ao retomar essa violência com a linguagem, ao realizar o *forçage*, tenta desfazer com a violência da linguagem aquilo que foi forjado na violência com a linguagem” (Maliska, 2021, p. 55).

3 Nos termos do que apresentamos no tópico anterior, entendemos que o ordinário diz respeito aos movimentos de universalização.



Lacan alude esse movimento ao cintilar das palavras no sujeito, que pela via do corpo, suspira, gestula, articula performativamente, deixando que outras vozes e acenos perturbem os significantes encadeados, quebrando aquele conjunto associativo. Trata-se então de uma força que é empregada sobre a *ordem do discurso*, possibilitando a sua deformação, por meio de uma tensão (Maliska, 2021). Segundo Costa (2021), na arte, algumas das maneiras de se realizar tal fissura se dão pelas vias da voz e do gesto: não apenas pelos atos falhos e chistes (em confluência com a psicanálise), mas também pelo corpo inquieto que vai irrompendo atos a partir da literatura, escultura, pintura, performance etc. Trata-se de golpes que escancaram a dimensão frágil dos significantes interpretados como *universais*. Segundo os termos desse mesmo autor, na arte “o posicionamento do sujeito em compasso com o gesto de desautomatização da linguagem vai produzir um ponto de deriva [...], jogando com a plasticidade da linguagem, do tempo e do espaço” (Costa, 2021, p. 13).

Desse *modo de ver* a experiência de criação na arte, e chegando finalmente à rua tomada pelo artista pernambucano Manoel Quitério, observamos o território por ele ocupado. O artista é conhecido por suas intervenções artísticas em ruas, fachadas de edifícios e muros, muitos deles espalhados pela cidade do Recife e que vem ganhando o mundo. Seu projeto *Aurora das estrelas*, iniciado em 2023, visa revitalizar pontos esportivos no centro da cidade, em colaboração com os moradores de rua do entorno⁴. Uma característica de suas obras é a confluência de elementos, que engendram novos e outros significados para os locais em que intervêm.

Assim, nos termos do que foi discutido, a rua sob as suas mãos deve ser pensada como um espaço onde múltiplos aspectos encontram um *solo* para se ajustarem. O motor da falta é aqui pensado como aquilo que possibilita forjar as coisas, apontando para as suas dimensões contingentes. Nessa esteira, ao exibir o resultado de suas pinturas, o artista atesta: “um sonho antigo se tornando realidade. A rua é de quem?” (Quitério,



2020), menção de quem procura borrar os sentidos que pareciam vigorar naquele território.

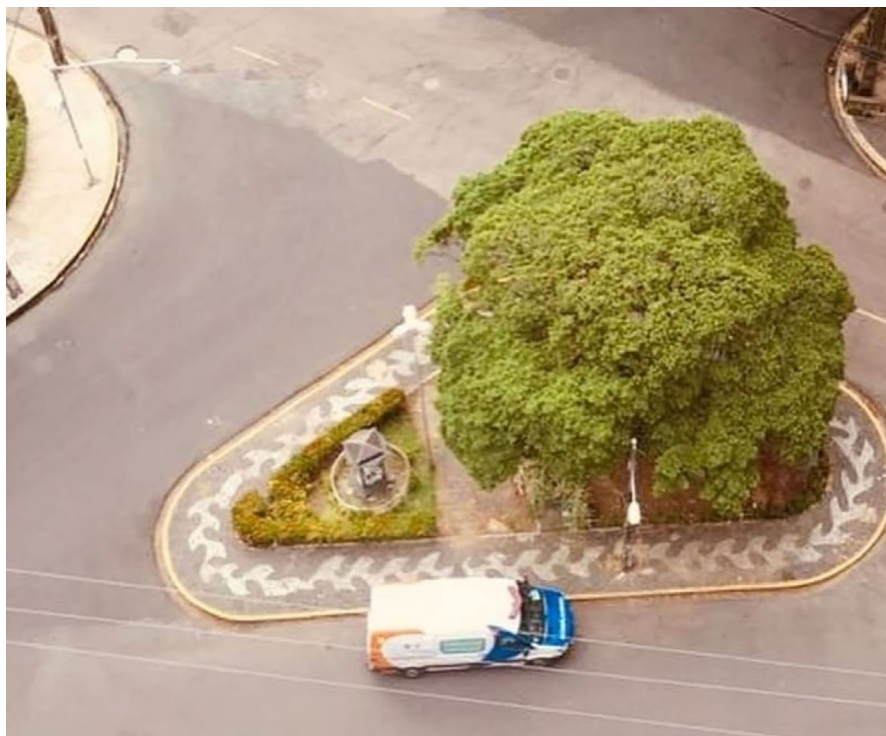


Figura 2. Autor não identificado: Entorno do altar de Nossa Senhora de Fátima, Recife, Pernambuco antes da intervenção do artista Manoel Quitério, s. d. Fonte do artista.

Sabemos que muito próximo ao local em que o artista interveio, há um pequeno altar que carrega a imagem de Nossa Senhora de Fátima, fazendo-o engendrar associações para o trabalho em questão. Em uma de suas postagens no Instagram dedicadas a este trabalho, o artista explicita suas conexões: "pintamos a [rua] Nossa Senhora de Fátima com as cores da espiritualidade ancestral e das raízes africanas e indígenas", e continua, "tem Nossa Senhora, mas tem Oxum, tem Iara e tem todos os deuses que existem, alguns disfarçados de gente invisível aos olhos apressados do progresso. Não importa o prato que você come, no céu, que eu acredito, todo mundo senta-se na mesma mesa" (Quitério, 2020). Esses dizeres



dizem respeito a uma dissociação dos sentidos que outrora ali vigoraram: passagem, acesso, via, também representação religiosa católica, fluxo associativo fissurado pelo artista, que, no torcer das palavras, engendra um outro conjunto associativo, que não visa conceber uma nova acepção àquele espaço, mas procura adicionar, aglomerar, acumular outras. Um percurso que não objetiva chegar em um lugar previamente definido, mas que permite vagar, ensaiando afinidades, elaborando novas correspondências.

O gesto elaborado pelo artista em *A rua que virou praça*, transforma a rua em superfície, local de encontro, espaço produtivo onde entidades religiosas se encontram e onde não apenas carros e veículos transitam, mas adultos e crianças passeiam, brincam, interagem, se exercitam. Nesses termos, “o espaço conferido ao sentir seria [...] o da contingência, perturbação da ordenação racional [...], da quebra da cadeia contínua, enfim, [...] com a mesma força da intensidade e da *inquiétude*” (Costa, 2021, p. 4). O gesto de Quitério diz respeito, então, à construção de uma específica cadeia associativa, onde elementos a princípio díspares se encontram, quebrando a ordem discursiva até então ali presente.

Nos termos do que vimos, a “rua” parece então como pano de fundo instigante para que sejam elaboradas “vias” que subvertem os seus sentidos comuns, permitindo a criação de “outros espaços”, novos *topos*, na medida em que justapõe elementos, bagunçando a ordem discursiva. As noções de vazio e de descontinuidade, ao sugerirem a falta de um fundamento anterior às palavras e as coisas, se apresentam como uma engrenagem, mola propulsora que permite que o sujeito desenhe modos de forjar a linguagem, elaborando significações que procuram suprir a falta que os sustentam. Nesses termos, identificar os *regimes de verdade* que circulam em um determinado recorte histórico permite tomar objetos de interesse – tais como a loucura, entre outros –, atentando não apenas para o fluxo de “verdade” a eles associados historicamente, mas como os seus sentidos são forjados. Desse olhar produtivo, a rua, ao se encontrar com a posição do sujeito na arte, recebe uma “torção” dos seus sentidos, acumula elementos, provoca estranhamento, engendra possibilidades – permite que outras vozes tomem aquele espaço, borrando os significantes



ali encadeados. Recorremos, por fim, a uma imagem para sintetizar nosso olhar: tomamos a rua como um barco à deriva, que no desligar de seus motores rumo à verdade, rema no contrafluxo, procurando outras margens, bordas e montagens de mundo. Sabe-se que, nas águas por onde passeiam, o único elemento incontornável é a contingência.



Figuras 3-6. Manoel Quitério: *A rua que virou praça*, 2020. Praça Nossa Senhora de Fátima, Recife, Pernambuco. Fonte do artista.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar rua, este trabalho se abre para manifestações que subvertem seus sentidos comuns, provocando uma torção. Os conceitos de vazio e de descontinuidade, pensados por Lacan e Foucault, ao sugerirem a falta de um fundamento anterior, apontam para as possibilidades abertas de articulação simbólica em torno das palavras e das coisas. Desse modo, o exercício de articulação da linguagem, pela via do gesto da arte, vai irrompendo atos a partir da literatura, escultura, pintura, performance etc. Como vimos, trata-se de golpes que escancaram a dimensão frágil dos significantes interpretados como *universais*. Assim, nas mãos de Quitério, a rua se transforma em um espaço aberto para novos significantes, onde não apenas regras de passagem confluem: é tomada como um traçado, uma superfície aberta para novos preenchimentos – espaço de encontro, de dança, brincadeiras etc. Sob esse pano de fundo, esse trabalho espera demonstrar, na esteira dos autores discutidos, que o significante não tem sentido em si mesmo, é sempre um efeito de um jogo que possibilita forjar as coisas, escancarando suas dimensões contingentes.



REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola, 2010.

BECCARI, Marcos. **Articulação simbólica**: uma nova filosofia do design. Teresópolis: 2AB, 2016.

BIRMAN, Joel. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.

CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. Foucault e Lacan: o sujeito, o saber e a verdade. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 21, n. 29, jul.-dez. 2009.

CARPES, Maria Cristina. **A violência da linguagem na inscrição psíquica nos ifans**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, 2018.

COSTA, Isaac. Percepção, Torção, Acontecimento: enlaces entre corpo, discurso e arte. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, 2021.

FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos**: curso no Collège de France, 1979-1980. Tradução: Nildo Avelino. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

FOUCAULT, Michel. A Função Política do Intelectual. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos VII**: Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FOUCAULT, Michel. Lacan, o libertador da psicanálise. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos I**: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FREUD, Sigmund. **Projeto para uma psicologia científica**. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LACAN, Jacques. A Ciência e a Verdade [1966]. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7**: a ética da psicanálise [1959-1960]. Tradução: Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 24**: rumo a um significante novo. III – Impossível de apreender, [1977]. Tradução: Jairo Gerbase. [website], 1999. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/612180304/Seminario-24-Lacan-Traducao-Jairo-Gerbase>>. Acesso em julho de 2023.

LAUTRÉAMONT, Conde de. **Os cantos de Maldoror**. Tradução: Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Editora da Unicamp, 2015.

MALISKA, Maurício Eugênio. Chiffonnage... em direção ao sinthome: a voz além do muro. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, 24, 51-62, mar. 2021.

QUITÉRIO, Manoel. **A rua virou praça**. Instagram, 21 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CEJ3NqJn9C8/>>. Acesso em julho de 2023.

RUA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/rua/>. Acesso em: julho de 2023.



SAFATLE, Vladimir. Arqueologia das sombras da razão. In: FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2019.

SANADA, Elizabeth dos Reis. A 'verdade' da ciência a partir de uma leitura psicanalítica. **Psicologia USP**, 2004, 15 (½), p. 183-194.

SGARIONI, Matheus Minella; D'AGORD, Marta Regina de Leão. Ciência, verdade e saber na sociedade moderna: uma perspectiva lacaniana. **Ciência & Cultura**, v. II, n. 1, jan.-jun. 2013, p. 3-15.

Rafaela Travassos Sarinho é doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em cujo percurso foi contemplada com Bolsa FAPERJ Nota 10. Mestre em Design pela PUC-Rio (2018), com bolsa CNPq, é também pós-graduada em Comunicação e Imagem pela PUC-Rio (2014) e graduada em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (2012). Compõe o Laboratório Interdisciplinar em Natureza, Design & Arte (LINDA) da PUC-Rio.

